

Prefácio

Se alguma vez houve no mundo história das aventuras de um homem particular digna de ser publicada, e bem recebida ao sê-lo, o editor deste relato crê ser esse o caso da presente.

As maravilhas da vida deste homem excedem (no seu entendimento) tudo o que se conhece; difficilmente a vida de um homem poderia conter mais variedade.

A história é narrada com modéstia, com seriedade, e com uma religiosa aplicação dos sucessos aos usos que os homens sensatos acolhem sempre, vale dizer à instrução dos outros por meio do exemplo, bem como a justificar e a honrar a sabedoria da Providência em toda a variedade das nossas circunstâncias, sejam estas quais forem.

O editor pensa que é a simples descrição dos factos o que aqui se apresenta; nela não havendo de resto qualquer aparência de ficção. E contudo pensa também, pois que todas as coisas que tais são alvo de disputa, que sendo o seu proveito, quer a título de diversão, quer de instrução do leitor, o mesmo num e noutra caso para o público, a este, sem que seja mister dirigir-lhe outros cumprimentos, esta publicação prestará grande serviço.

Como fui para o mar

Nasci no ano de 1632, na cidade de York, no seio de uma boa família, embora vinda de outro país, pois meu pai era um estrangeiro que chegou de Bremen para se estabelecer primeiro em Hull. Alcançou uma boa situação através do comércio e, depois de deixar os negócios, passou a viver em York, e aí casou com minha mãe, cujos parentes se chamavam Robinson, do nome de uma excelente família deste país, sendo assim que recebi eu por nome o de Robinson Kreutznaer; ainda que devido à costumada corrupção que os nomes sofrem em Inglaterra hoje nos chamem, e nós próprios nos chamemos e assinemos Crusoe, e foi sempre assim que os meus companheiros me chamaram.

Tive dois irmãos mais velhos, um dos quais era tenente-coronel num regimento de infantaria inglês estacionado na Flandres, outrora comandado pelo famoso coronel Lockhart, e que foi morto na batalha travada perto de Dunquerque contra os espanhóis; nunca soube o que foi feito de meu segundo irmão, do mesmo modo que nem meu pai nem minha mãe souberam o que foi feito de mim.

Sendo o terceiro filho da família, e não tendo aprendido ofício algum, a minha cabeça desde muito cedo se encheu de pensamentos vagabundos. Meu pai, de grande idade, dera-me uma instrução tão adequada e completa quanto se pode obtê-la através da educação recebida em casa e numa escola gratuita do país, e destinou-me às leis; mas nada me satisfaria senão fazer-me ao mar; e essa minha inclinação levou-me a contrariar tão fortemente os desejos e até mesmo as ordens de meu pai, e as súplicas e dissuasões de minha mãe e outros amigos, que dir-se-ia haver alguma coisa de fatal naquela propensão da minha natureza que insistia em pôr-me a caminho da vida de miséria que viria a cair sobre mim.

Meu pai, um homem avisado e grave, deu-me sério e excelente conselho contra aquilo que previa ser meu propósito. Uma manhã chamou-me

ao seu quarto, no qual se achava confinado pela gota, e comunicou-me acaloradamente os seus pareceres. Perguntou-me que outras razões tinha eu para além da minha inclinação vagabunda para deixar a casa de meu pai e a minha terra natal, onde poderia vir a receber uma boa posição e ter a perspectiva de aumentar a minha fortuna por meio da aplicação e da indústria, conhecendo uma vida de desafogo e prazer. Disse-me que eram, por um lado, os homens que desesperavam da fortuna e, por outro, os que aspiravam a fortuna superior, quem partia para longe à aventura, para ascenderem por meio do que empreendiam, e se celebrizarem através de acções de uma natureza fora do comum; que tais coisas estavam ou muito acima de mim ou muito abaixo de mim; que a minha condição era a mediana, ou aquilo a que podia chamar-se a posição superior do estado inferior, o qual, sabia-o ele por sua longa experiência, era a melhor condição do mundo, a mais propícia à felicidade humana, não se achando exposta às misérias e asperezas, aos trabalhos e sofrimentos da parte mecânica da humanidade, nem se vendo embaraçada pelo orgulho, o luxo, a ambição e a cobiça da parte superior da humanidade. Disse-me que eu podia ajuizar da felicidade dessa condição considerando simplesmente uma coisa, ou seja, que era essa a condição da vida que todas as outras pessoas invejavam; que os reis lamentavam amiúde as desgraçadas consequências de terem nascido para grandes coisas, e desejariam ter sido postos algures no meio entre os dois extremos, entre os pequenos e os grandes; que o homem sensato testemunhava que tal era a justa medida da verdadeira ventura, ao rezar pedindo que lhe fossem evitadas tanto a pobreza como as riquezas.

Instou-me a tê-lo em conta e disse-me que eu veria que as calamidades da vida seriam sempre partilhadas entre a parte superior e a parte inferior da humanidade; mas que a posição mediana era a que conhecia menos desastres, e não estava exposta a tantas vicissitudes como as partes superior ou inferior da humanidade; do mesmo modo, aqueles que a ocupavam não se achavam sujeitos a tantas aflições e tribulações nem do corpo nem do espírito como os que, devido a uma vida viciosa, ao luxo e às extravagâncias, por um lado ou os que devido ao trabalho pesado, à privação dos bens mais necessários e a uma alimentação magra ou insuficiente, por outro, causam dano a si mesmos por força das consequências naturais do seu modo de vida; que a posição mediana na vida proporcionava toda a espécie de virtudes, e toda a espécie de contentamentos; que a paz e a fartura eram as servas de uma fortuna mediana; que a temperança, a moderação, o sossego, a saúde e sociedade, todas as diversões agradáveis e todos os prazeres desejáveis, eram bênçãos que contempla-



vam uma posição mediana na vida; que desse modo os homens viviam discreta e suavemente neste mundo e dele saíam confortavelmente, não sendo tolhidos pelos trabalhos das mãos ou da cabeça, não tendo de se vender a uma vida de escravatura em troca do pão de cada dia, nem sendo confundidos por circunstâncias desconcertantes, que roubam à alma a paz e o repouso ao corpo; não conhecendo a raiva da paixão da inveja, nem o secreto ardor do desejo que ambiciona grandes coisas; mas deslizando brandamente pelo mundo, e saboreando com sensatez as doçuras da vida, sem a sua amargura, sentindo-se felizes, e aprendendo pela experiência de cada dia a saber senti-lo melhor ainda.

Em seguida, exortou-me gravemente, e nos termos mais afectuosos, a não ceder à juventude, e a não me precipitar nas misérias às quais a natureza e a condição da vida em que nascera se mostravam contrárias; disse-me que não teria necessidade de ganhar o meu pão; que cuidaria de assegurar o meu bem, e que procederia de maneira a garantir-me uma boa situação no género de vida que me recomendava; e que se não me achasse comodamente e feliz, tal só poderia ser obra dos fados ou das minhas

faltas, coisas pelas quais não teria ele de responder, pois cumprira a sua obrigação prevenindo-me contra resoluções que sabia serem para mim funestas. Numa palavra, disse que faria em minha intenção as coisas mais benévolas se eu ficasse e me estabelecesse ali, como ele me aconselhava, e que não queria ser parte nos meus infortúnios encorajando-me de uma maneira ou de outra a partir. E rematando tudo isto, disse-me que considerasse o exemplo de meu irmão, ao qual ele fizera as mesmas graves advertências querendo evitar a sua partida para as guerras dos Países Baixos, mas sem obter sucesso, pois os seus desejos juvenis o haviam impellido a alistar-se, e tal fora causa da sua morte; e dizendo embora que não deixaria de rezar por mim, atrevia-se no entanto a dizer que, em dando eu esse passo insensato, Deus não me abençoaria, e eu teria mais tarde ocasião de reflectir nas consequências de ter ignorado os seus conselhos, mas já ninguém haveria que pudesse socorrer-me no refazer da minha sorte.

Notei durante esta última parte do seu discurso, que foi verdadeiramente profética, embora suponha que meu pai não o soubesse ele mesmo, notei, dizia, que as lágrimas lhe escorriam copiosamente pela face, em particular quando falava de meu irmão que fora morto; e que quando falava da ocasião que eu teria de me arrepender, sem ninguém para me socorrer, estava tão comovido que interrompeu o seu discurso, e disse-me que o coração lhe pesava tanto que não podia dizer-me nada mais.

Este discurso tocou-me sinceramente — como poderia não tocar? — e resolvi deixar de pensar em partir para longe, estabelecendo-me antes na minha terra segundo o desejo de meu pai. Mas — ai de mim! — poucos dias bastaram para que abandonasse por completo o meu propósito, e em suma, para impedir que meu pai voltasse a importunar-me, algumas semanas depois, resolvi ir-me para bem longe dele. Apesar de tudo, não agi tão apressadamente como o primeiro impulso da minha resolução queria, mas fui ter com minha mãe, numa altura em que me pareceu vê-la um pouco mais contente do que de costume, e disse-lhe que a ideia de ver o mundo me tomava tão por inteiro que jamais empreenderia qualquer outra coisa com a resolução necessária para a levar por diante, pelo que melhor seria que meu pai me desse o seu consentimento em vez de me forçar contrariando-me; que tinha agora dezoito anos, e que era já muito tarde para me fazer aprendiz nos negócios, ou começar a trabalhar com um homem de leis; que seguramente se o fizesse deixaria a casa do meu mestre antes de tempo e iria para o mar; e que, se ela falasse com meu pai pedindo-lhe que me deixasse fazer uma viagem pelo mundo, eu, caso ao regressar aquela não me tivesse contentado, não voltaria a partir, e prometia redobrar então a minha diligência a fim de reaver o tempo que perdera.